

# Pesquisa mostra empresas otimistas

SÃO PAULO — Inflação menor do que 20% ao ano, crescimento econômico de 5%, vendas 13% maiores que este ano, taxas de juros mais baixas e muitos investimentos. Este quadro cor-de-rosa para 1996 não foi traçado por nenhum ministro: as previsões são de 127 das 500 maiores empresas nacionais e estrangeiras no país, que somam um faturamento anual de US\$ 76 bilhões — o equivalente a 16,5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiros. Esse foi o resultado da pesquisa "Termômetro Empresarial", realizada pela consultoria Arthur Andersen, abrangendo setores da indústria, do comércio e de serviços.

— O quadro é de um otimismo até surpreendente, tendo em vista os negócios difíceis este ano — ressaltou João Downey, sócio da consultoria.

A estratégia de crescimento e modernização das empresas inclui fusões, compras ou formação de **joint-ventures** (para 49% delas); lançamento de ações, títulos ou valores mobiliários (para 59%); e redução dos quadros de pessoal (para 43%). Modernizar e racionalizar custos é preciso, de acordo com 65% dos entrevistados, pois a concorrência deve aumentar no próximo ano, na previsão de 74% das empresas.

A pesquisa revela que houve um aumento de 11% na taxa de inadimplência, este ano, e mesmo assim 64% das empresas reduziram as suas margens de lucro, com o objetivo de se tornarem mais competitivas. O processo de demissões deve continuar no ano que vem, como uma das soluções para diminuir custos. Este ano, 56% das empresas já adotaram redução do quadro de pessoal, apesar de, na pesquisa do ano passado, só 35% delas terem informado que estavam se preparando para medidas desta natureza.

— Este caso foi uma exceção, pois de um modo geral as previsões dos empresários têm se confirmado nestes dez anos da pesquisa — garantiu o presidente da Arthur Andersen, Celso Giacometti.

As principais dificuldades apontadas pelo empresariado são os impostos e taxa de juros elevados, que inibem investimentos, e a lentidão nos processos de privatização e de ajuste fiscal. Mas 66% dos consultados acreditam na redução do chamado custo Brasil e 91% estão apostando que a desvalorização das taxas de câmbio será igual ou inferior à taxa de inflação.